

SEGREGAÇÃO EM HOGWARTS: ANALISANDO A OBRA *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL* DENTRO DO CONTEXTO SOCIAL DA ESCOLA DE MAGIA

E. D. S. Castro¹ e C. F. Moura²

E-mail: erickdavid_12@hotmail.com¹; claudiane.moura@ifrn.edu.br²

RESUMO

Este artigo visa analisar a obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, da escritora J. K. Rowling, dentro do contexto social da Escola de Magia Hogwarts a partir de estudos sociológicos sobre os conceitos de raça, etnia, preconceito e segregação social (GIDDENS, 2005), além de estudos sobre a concepção de raça na perspectiva biológica (BARBUJANI, 2007), e da relação entre a literatura e a sociedade (CANDIDO, 2010; FACINA, 2004). A obra em análise também foi relacionada com pesquisas acerca das primeiras concepções de mundo racista cientificamente fundamentadas e suas influências nos conflitos raciais que marcaram o século XIX e XX (NETO,

2009), bem como sobre o preconceito e a segregação social e racial presentes na obra de J. K. Rowling (BASSHAM, 2011; NEIL, 2006). Dessa forma, a partir dos estudos sobre os textos teóricos, verificou-se que a autora utilizou-se dos personagens, tanto os do mundo real quanto os do mundo da magia, como forma de protesto contra o preconceito racial e social, retratando a realidade de forma prazerosa e criativa. Este trabalho é resultado do projeto "Segregação Social em Hogwarts: Uma Análise Sociológica da Obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal*" financiado pelo CNPq durante ano de 2012 e realizada no IFRN - Campus Pau dos Ferros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, preconceito, segregação social, segregação racial.

SEGREGATION AT HOGWARTS: ANALYZING THE BOOK *HARRY POTTER AND THE PHILOSOPHER'S STONE* IN THE SOCIAL CONTEXT OF THE WIZARDRY SCHOOL

ABSTRACT

This article aims to analyze the book *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, by the writer J. K. Rowling, within the social context of the Hogwarts School of Wizardry from sociological studies about the concepts of race, ethnicity, prejudice and social segregation (Giddens, 2005), and studies about the idea of race in a biological perspective (Barbujani, 2007), and the relationship between literature and society (CANDIDO, 2010; Facina, 2004). The work in question was also related to the first researches on conceptions of scientifically based racist world and its influences on racial conflicts that marked the nineteenth and twentieth centuries (NETO, 2009), as

well as prejudice and racial and social segregation present in the work of J. K. Rowling (Bassham, 2011; NEIL, 2006). Thus, from the studies of the theoretical texts, it was found that the author used the characters, both from the real world and the world of magic as a form of protest against racial and social prejudice, portraying reality in an enjoyable and creative way. This work is a result of the project "Social Segregation in Hogwarts: A Sociological Analysis of the book *Harry Potter and the Philosopher's Stone*", which was sponsored by CNPq during the year of 2012 and held at IFRN – Campus Pau dos Ferros.

KEYWORDS: Literature, prejudice, social segregation, racial segregation.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o mundo globalizado consegue aproximar países distantes e culturas diversas de uma maneira muito mais rápida do que no passado. Os meios de transporte e de comunicação aproximam os dois hemisférios do globo, dando a impressão de que o mundo não é tão grande assim. No entanto, a intolerância com pessoas de outras raças, culturas e etnias diferentes ainda é um problema constante em nossa sociedade global. Embora muitas pesquisas tenham afirmado que o conceito de raça “não passa de um construto ideológico” (GIDDENS, p. 205), e que, até o momento, não foi possível determinar as diferenças biológicas entre pessoas de países diferentes, o preconceito racial ainda existe, e é praticado com força e violência em vários países do mundo.

Esse preconceito pode ser verificado em vários aspectos da sociedade e nos é transmitido através das mais variadas expressões artísticas, como canções, filmes e obras literárias. Assim, em todos os momentos em que a nossa história foi marcada por atitudes extremas de preconceito racial, é possível encontrar obras de artistas que dedicaram seus talentos para a denúncia desta realidade. Isso pode ser verificado com os diversos trabalhos de artistas que denunciaram os três principais momentos extremistas de preconceito racial ocorridos nos séculos XIX e XX: a segregação racial nos Estados Unidos (1865-1964), o assassinato de 6 milhões de judeus na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o Apartheid na África do Sul (1948-1994).

Em todos esses momentos, houve artistas que empregaram seus talentos na música, no cinema e na literatura para denunciar estas formas de preconceito racial. Na obra selecionada para esse estudo a autora J. K. Rowling também trata dessa questão de uma forma bem intensa, fazendo uma referência indireta ao nazismo, utilizando tanto os personagens do mundo real quanto os do mundo da magia que foram criados por ela. Dessa forma, considerando a relevância do tema apresentado, este trabalho visa analisar a obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal* numa perspectiva sociológica com o objetivo de identificar a maneira pela qual os alunos são selecionados para ocupar cada uma das quatro Casas que constituem a escola de magia Hogwarts e compreender a forma pela qual os alunos desta escola direcionam atitudes preconceituosas contra algumas pessoas e favorecem outras, estabelecendo relações entre a estrutura social da escola, as atitudes racistas e percebendo também, na construção estética do texto, como se inscrevem vozes de protesto contra o preconceito racial de forma a reconhecer a obra como uma manifestação artística e instrumento de protesto. Por esses motivos, a análise da obra será realizada a partir das perspectivas sociológica (GIDDENS, 2005), biológica (BARBUJANI, 2007), da relação entre literatura e sociedade (CANDIDO, 2010; FACINA, 2004), bem como sobre o preconceito e a segregação social e racial presentes na obra de J. K. Rowling (BASSHAM, 2011; NEIL, 2006).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Segundo Giddens (2005), as teorias científicas sobre a raça surgiram no final do século XVIII e início do século XIX como justificativa para a ordem social emergente à medida que a Inglaterra e outras nações da Europa tonavam-se potências imperiais que submetiam territórios e populações

aos seus domínios. Considerando o conceito de raça como um conjunto de relações sociais que possibilitam situar os indivíduos e os grupos com base em aspectos “biologicamente fundamentados”, Giddens (2005) acreditava que as distinções raciais representavam fatores importantes na reprodução de padrões de poder e de desigualdade dentro da sociedade. Porém, a racialização, processo pelo qual as interpretações de raça são empregadas na classificação de indivíduos ou de grupos de pessoas, está ligada ao fato de que certos grupos acabam sendo rotulados como se constituíssem grupos biologicamente distintos, com base em aspectos físicos de ocorrência natural, onde em determinados momentos da história “assumiu formas institucionais ‘codificadas’, como no caso da escravidão, nas colônias norte-americanas, e do *apartheid*, na África do Sul” (GIDDENS, p. 206).

De acordo com Neto (2009), foi o Conde Joseph-Arthur de Gobineau (1816-1882), quando publicou o livro “*Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas*”, que apresentou a primeira concepção de mundo racista “cientificamente fundamentada” e influenciou os pensamentos dos fundadores de diversos grupos de supremacia racial, entre os quais os instituidores do nazismo e do *apartheid*. As linhas gerais do racismo do Conde de Gobineau seguiam os seguintes princípios: a) existe uma raça humana superior, os arianos dolicocefalos, portadora de uma “aptidão civilizadora”; b) a principal força motriz da história é vitalidade racial; c) a queda das civilizações é uma consequência da miscigenação das raças.

Assim como o Conde de Gobineau, Louis Agassiz (1807-1873) foi mais um cientista que condenava com veemência a miscigenação e ficou conhecido por ser o principal defensor da doutrina do poligenismo, teoria baseada na hipótese de que as raças humanas não possuem uma origem em comum. No livro “*A Eloquência do Ódio*”, Bulcão Neto (2009) cita diversas figuras renomadas que propagaram os ideais poligenistas e, entre elas, está o renomado filósofo empirista britânico David Hume (1711-1776). Segundo Neto (2009), Hume, em seus ensaios políticos, defendia que “os negros e outras espécies, pois há quatro ou cinco diferentes, estão todas abaixo da espécie dos brancos, e que uma diferença tão uniforme e constante [entre negros e brancos] não poderia acontecer se a natureza não houvesse estabelecido uma distinção original entre essas raças de homens” (NETO, p. 140).

Como dito anteriormente, desde o século XVIII os cientistas têm buscado dados que possam provar, explicar e determinar a diversidade racial. Porém, como a ciência precisa se basear em dados concretos e comprovados experimentalmente, os resultados foram imprecisos e, por esse motivo, foi somente no final dos anos de 1960 que a ciência passou a compreender melhor o genoma humano e respostas para as lacunas sobre a raça começaram a ser formuladas de maneira científica.

Sendo assim, o geneticista Richard Lewontin aperfeiçoou o método estatístico que compara entre si os genes dos indivíduos da mesma população e de populações diferentes, consideradas como pertencentes à mesma raça ou não, para poder medir as diferenças genéticas entre elas e ter, assim, a capacidade de distinguir as pessoas em raças específicas. Em 1972, Lewontin analisou como variavam 17 genes em todas as populações estudadas até aquele momento e descobriu que 85% da variabilidade genética humana total se localizava no interior

das populações, 8% entre populações de mesma raça e 7% entre raças diferentes. Ao término da pesquisa, Lewontin concluiu seu artigo com o seguinte parágrafo:

Nossa percepção de que as diferenças entre os grupos e subgrupos humanos são grandes quando comparadas às diferenças internas desses grupos é claramente uma percepção deformada. Com base em suas diferenças genéticas, as raças e populações humanas são notavelmente semelhantes entre si, enquanto a parte incomparavelmente maior da diversidade humana é representada por diferenças entre indivíduos. A classificação racial humana não tem qualquer valor social e tem um claro efeito destrutivo sobre as relações sociais e humanas. Dado que, agora, está demonstrado que essa classificação não tem qualquer significado genético ou taxionômico, não há nenhuma justificativa para mantê-la (BARBUJANI, 2007, p. 83).

Em “A Invenção das Raças”, Barbuiani (2007) conclui que, provavelmente, a melhor subdivisão para o termo “raça” é aquela em que cada indivíduo forma um grupo por conta própria, ou seja, cada indivíduo é uma raça à parte, pois “quanto mais se estudam novos genes, mais se enfraquece a esperança de encontrar divisões claras entre grupos humanos às quais possamos dar o nome de raças” (BARBUJANI, p. 90). Ainda segundo ele, as contradições a respeito do assunto não se devem ao fato de que um cientista fez a escolha certa e os outros não, “essas contradições são uma característica fundamental da diversidade genética humana, e nos dizem que nos nossos genes não há barreiras claras, portanto também não há raças distintas” (BARBUJANI, p. 91).

Porém, mesmo que a biologia não tenha encontrado qualquer fronteira estável entre as diferentes populações humanas, o preconceito racial e a noção de superioridade que algumas raças possam ter sobre as outras ainda é causa de conflitos e violência em diversos países do mundo. De acordo com os ideais do racismo institucional, o racismo permeia todas as estruturas da sociedade de um modo sistemático e não é apenas um mero representante das opiniões de poucos, onde instituições como a polícia, o serviço de saúde e o sistema educacional promovem políticas que favorecem certos grupos e discriminam outros (GIDDENS, 2005). Além disso, hoje em dia as atitudes racistas são empregadas por indivíduos que aproveitam a ideia das diferenças culturais para excluir certos grupos socialmente. Para Anthony Giddens (2005), “agora, em vez de argumentos biológicos, são empregados argumentos culturais a fim de promover a discriminação contra determinados segmentos da população” (GIDDENS, p. 210), o que leva a alguns estudiosos a sugerirem que vivemos em uma época de “racismos múltiplos”, onde a discriminação é sofrida de diferentes maneiras.

Para Candido (2010), todos esses momentos de hostilidade e ódio foram retratados por diferentes artistas, pois, por se tratar de um produto social, as obras de arte apresentam características do meio em que foram produzidas e tendem a representar o comportamento e a concepção de mundo das pessoas, característica que decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores da arte. Para ele, a arte é um processo de comunicação que necessita de três elementos básicos: artista, obra e público. Além disso, particularidades socioculturais como a estrutura social, a ideologia e as técnicas de comunicação exercem influências concretas sobre o produto final.

Dessa forma, na construção de seu trabalho o artista é influenciado pelos valores da sociedade em que vive e suas expressões individuais ganham significado quando correspondem aos “desejos” coletivos, ou seja, a obra é fruto da iniciativa individual e das condições sociais, pois ambas estão indissolivelmente ligadas. Por esses motivos, para a determinação do seu papel e de sua configuração, a obra de arte depende principalmente do artista e das condições que o englobam, onde as experiências diárias são fontes de inspiração, contribuindo na construção do seu conteúdo e nas técnicas de comunicação que possibilitam a sua atuação.

Facina (2004) afirma que os escritores são frutos de sua época e sociedade, pois estão expostos ao pertencimento de classe, gênero, origem étnica e aos processos históricos que ocorrem ao seu redor. Deste modo, “as formas literárias são produtos históricos que buscam expressar realidades também históricas, e não somente elementos universais e atemporais” (FACINA, p. 22). A literatura, portanto, faz parte da dinâmica social e é um produto cultural, por isso, para que possamos entendê-la é preciso analisá-la como tal.

A partir da perspectiva da crítica sociológica

a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da “inspiração” do artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto. Estudando essas marcas dentro da literatura, podemos perceber como a sociedade na qual o texto foi produzido se estrutura, quais eram os seus valores, etc. (SILVA, 2003, p. 123).

De acordo com Silva (2003), o filósofo húngaro György Lukács afirmava que a literatura não apenas reflete a realidade social na caracterização dos ambientes e personagens, como também na maneira como o texto se desenvolve e se estrutura, refletindo o todo social e mostrando a forma como a sociedade é construída e organizada. Dessa forma, é de extrema importância a presença da sociologia para explicar como os traços sociais envolveram a vida da autora J. K. Rowling durante os diferentes momentos de desenvolvimento da obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

Nessa linha, Niel (2006) relata que J. K. Rowling usa o mundo paralelo que criou não só para a diversão do leitor, mas também para fornecer um quadro real sobre questões relacionadas à raça, afinal a ficção tem a capacidade de penetrar nossas defesas psicológicas e alcançar nossas crenças fundamentais.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa toma como objeto de estudo a obra literária *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, publicada em 1997 pela escritora britânica J. K. Rowling. A obra foi analisada como uma manifestação artística e instrumento de protesto com o intuito de identificar o modo pelo qual essa obra fictícia apresenta traços da realidade do preconceito racial vivenciado por milhares de pessoas ao redor do mundo. Para isso, foi realizada a revisão de literatura, envolvendo estudos sobre o conceito de raças e etnias nas diferentes épocas da sociedade, sobre o conceito de raça e

etnia nas perspectivas sociológica e biológica, e sobre os conflitos raciais que marcaram os séculos XIX e XX. Foi realizada também a leitura da obra numa perspectiva sociológica, além da análise dos dados direcionados para a compreensão da identificação da estrutura social da escola de magia Hogwarts, a compreensão da maneira pela qual ocorrem as atitudes preconceituosas dentro da escola entre os alunos de Casas diferentes, o estabelecimento da relação entre a estrutura social da escola e as atitudes racistas e o delineamento, na construção estética do texto, da inscrição das vozes de protesto contra o preconceito. Além disso, foi realizada a leitura de mais um livro da escritora, *Os Contos de Beedle, O Bardo*, que retrata, de forma clara, o contexto da hierarquia racial que envolve a escola de Magia Hogwarts.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o primeiro ano em Hogwarts os alunos são selecionados pelo Chapéu Seletor para uma das quatro “Casas” que formam a estrutura social da escola: Grifinória, Sonserina, Lufa-lufa e Corvinal. Os alunos membros da Casa a qual são destinados realizam todas as atividades juntos, desde as práticas em sala de aula até as competições realizadas pela escola, como explica a Professora Minerva MacGonagall na chegada dos alunos à Hogwarts: “A Seleção é uma cerimônia muito importante porque, enquanto estiverem aqui, sua Casa será uma espécie de família em Hogwarts. Vocês assistirão as aulas com o restante dos alunos de sua Casa, dormirão no dormitório da Casa e passarão o tempo livre na sala comunal” (ROWLING, 2000, p. 101).

Os alunos são selecionados para cada uma das Casas de acordo com as características mais marcantes de sua personalidade, como mostra o Chapéu Seletor durante a cerimônia de Seleção:

*“[...] é só me porem na cabeça que vou dizer
Em que Casa de Hogwarts deverão ficar.
Quem sabe a sua morada é a Grifinória,
Casa onde habitam os corações indômitos.
Ousadia e sangue-frio e nobreza
Destacam os alunos da Grifinória dos demais;
Quem sabe é na Lufa-lufa que você vai morar,
Onde seus moradores são justos e leais
Pacientes, sinceros, sem medo da dor;
Ou será a velha e sábia Corvinal,
A casa dos que têm a mente sempre alerta,
Onde os homens de grande espírito e saber
Sempre encontrarão companheiros seus iguais;
Ou quem sabe a Sonserina será a sua casa
E ali fará seus verdadeiros amigos,
Homens de astúcia que usam quaisquer meios
Para atingir os fins que antes colimaram”* (ROWLING, 2000, p. 104-105).

A Professora McGonagall ainda ressalta que “cada Casa tem sua história e cada uma produziu bruxas e bruxos extraordinários” (ROWLING, op. cit., p. 102) e por isso são igualmente dignas de respeito. Durante o período letivo, os acertos e vitórias dos alunos rendem pontos para suas Casas, enquanto que os erros os farão perder, de forma que no fim do ano letivo a Casa com o maior número de pontos recebe o Troféu das Casas, uma grande honraria. Por esse motivo, ser membro de uma Casa em Hogwarts influencia no modo como os alunos tratam os seus colegas pertencentes a outras Casas, afinal, por exemplo, cada aluno da Grifinória dará tratamento especial e preferência àqueles que, assim como eles, contribuem para o sucesso de sua Casa. Dessa forma, o patriotismo presente entre os membros das casas é considerado uma virtude ou uma forma de exclusão e diferenciação entre os alunos?

Entendemos que, por um lado, ser patriota é bonito e elegante, pois significa ajudar, defender e buscar o melhor para a sua Casa, entretanto, quando se coloca o bem-estar de sua pátria acima do de todas as outras o patriotismo pode parecer um vício, pois divide as pessoas e tem como base a presunção, a arrogância e o egoísmo. É possível perceber essa visão na obra quando se analisa que existem bruxos que acreditam que por terem uma descendência bruxa são superiores e mais dignos de estudar em Hogwarts do que os que nasceram em famílias trouxas (não mágica). Um exemplo é Draco Malfoy, que em conversa sobre Hogwarts se expressa da seguinte forma: “eu realmente acho que não deviam deixar outro tipo de gente entrar, e você? Não são iguais a nós, nunca foram educados para conhecer o nosso modo de viver. Alguns nunca ouviram falar de Hogwarts até receberem a carta, imagine. Acho que deviam manter a coisa entre as famílias de bruxos.” (ROWLING, op. cit., p. 72).

Apesar de ser uma forma mais efetiva de administrar a escola e garantir uma educação de qualidade a todos os estudantes, a divisão de Casas em Hogwarts gera entre os alunos uma grande rivalidade e competição. Um exemplo é a aversão e o desapontamento dos alunos da Grifinória ao descobrirem que teriam aulas de voo com os alunos membros da Sonserina. Além disso, alguns estudantes mostram desprezo e repulsa a certas Casas. Segundo Hagrid, a antipatia de Malfoy ao dizer “[...] imagine ficar na Lufa-lufa, acho que saía da escola” (ROWLING, op. cit., p. 71) é graças ao estereótipo alimentado pelos estudantes de que na “Lufa-lufa só tem panacas” (ROWLING, op. cit., p. 73). Outro estereótipo que rodeia a escola é o de que “não tem um único bruxo nem uma única bruxa desencaminhados que não tenham passado por Sonserina” (ROWLING, op. cit., p. 73). É esse tipo de estereótipo que causa a discórdia e a antipatia dos alunos com relação aos membros da Sonserina.

Outro caso que merece destaque é forma com que o professor Severo Snape é visto por boa parte dos alunos, especialmente por Harry e seus amigos da Grifinória. Por ser severo e exigente, passa boa parte da história sendo acusado de ser um bruxo maligno, entretanto, ao final do livro, J. K. Rowling mostra o quanto as aparências são enganosas e revela Snape como um verdadeiro herói.

A diversidade racial, social e cultural presentes em Hogwarts, assim como no mundo real, é gigantesca, por isso, é impossível negar que certos alunos direcionam atitudes preconceituosas contra algumas pessoas e favorecem outras. Os estudantes que mais se destacam no emprego dessas atitudes são Draco Malfoy e seus dois amigos Crabbe e Goyle. De acordo com Draco

“algumas famílias de bruxos são melhores do que outras” (ROWLING, op. cit., p. 96), e por isso Harry não deve se relacionar com pessoas de família pobre como Ronald Weasley (Rony).

Ao longo de todo o livro, Draco faz comentários e deboches sobre a situação financeira da família Weasley, como, por exemplo, durante os preparativos de Natal, quando dispara o seguinte: “está tentando ganhar uns trocadinhos, Weasley? Vai ver quer virar guarda-caça quando terminar Hogwarts. A cabana de Rúbeo deve parecer um palácio comparada ao que sua família está acostumada” (ROWLING, op. cit., p. 169). Além de Rony, Neville Longbottom é frequentemente vítima das chacotas de Draco e seus amigos, pois, segundo eles, Neville “não tem miolos” (ROWLING, op. cit., p. 192).

O preconceito e a discriminação, baseados nas diferenças raciais, são evidentes durante toda a obra. Hagrid, o guarda-caça de Hogwarts, por ser meio-gigante e meio-humano sofre frequentemente com os comentários maldosos e as mentiras dos alunos. Draco, ao conhecê-lo, comenta: “ouvi falar que é uma espécie de selvagem. Mora num barraco no terreno da escola e de vez em quando toma um pileque, tenta fazer mágicas e acaba tocando fogo na cama” (ROWLING, op. cit., p. 71).

Em *Os Contos de Beedle, o Bardo*, torna-se evidente a forma discriminatória com que certos pais tratam de assuntos relacionados à miscigenação das raças, visto que alguns já exigiram a retirada de livros da escola que narram histórias de casamento entre trouxas e bruxos, como é o caso do conto *A Fonte da Sorte*, em *Os Contos de Beedle, O Bardo*, em que uma bruxa aceita se casar com um cavaleiro trouxa. Segundo Dumbledore, “[...] ‘A Fonte da Sorte’ é provavelmente o conto de Beedle mais popular” (ROWLING, 2008, p. 38), entretanto, possui detratores, uma vez que já foi motivo de críticas até mesmo por um antigo membro da diretoria de Hogwarts, Lúcio Malfoy, que apresentou por escrito a seguinte exigência para que a história fosse proibida:

“Qualquer obra de ficção ou não-ficção que retrate a miscigenação de bruxos e trouxas deve ser banida das estantes de Hogwarts. Não quero que meu filho seja influenciado a macular a pureza de sua linhagem lendo histórias que promovam casamentos entre bruxos e trouxas” (ROWLING, 2008, p. 39).

Entretanto, tal pedido foi negado pelo diretor e pela maioria dos membros do conselho escolar. Em resposta ao Sr. Malfoy, Dumbledore escreveu o seguinte:

“As famílias de sangue supostamente puro mantêm a sua alegada pureza excluindo os trouxas ou filhos de trouxas de suas árvores genealógicas, deserdando-os ou mentindo sobre sua pureza. Tentam então impingir aos demais a sua hipocrisia, pedindo a exclusão de obras que abordem as verdades que eles negam. Não há um único bruxo ou bruxa no mundo cujo sangue não tenha se misturado ao de trouxas, e, assim sendo, devo considerar ilógica e imoral a remoção de obras que tratem do assunto do acervode conhecimentos dos nossos alunos” (ROWLING, 2008, p. 40).

Isso mostra o quanto J. K. Rowling buscou em suas obras retratar e combater todos os tipos de preconceito, discriminação e atitudes que ferissem os direitos de cada pessoa, independente de ser bruxo ou não. Uma vez que os três principais personagens (Harry Potter, Rony Weasley e

Hermione Granger) apresentam “linhagens diferentes”, pois Harry é mestiço, Rony é puro-sangue e Hermione é filha de trouxas, a obra mostra que esse tipo de distinção é totalmente inapropriado e que as habilidades em magia independem disso, revelando que estabelecer padrões baseados em aspectos raciais gera um “claro efeito destrutivo sobre as relações sociais e humanas” (BARBUJANI, 2007, p. 83).

Além disso, a autora faz com que os personagens considerados como bodes expiatórios por certos grupos de alunos, como é o caso de Neville Longbottom e Hagrid, se destaquem na obra, mostrando mais uma vez que qualquer tipo de atitude preconceituosa viola o ideal de que todas as pessoas merecem a mesma consideração moral. Assim, quando o livro rejeita a visão de mundo preconceituoso, apresentando personagens que conseguem superar todos os obstáculos impostos por aqueles que se consideram superiores, assume uma posição a favor da igualdade de valor entre as pessoas. Dessa forma, todos os personagens considerados “do mal” discriminam e têm atitudes preconceituosas contra centos bruxos e, principalmente, contra os trouxas, mestiços ou outras criaturas mágicas; por outro lado, os personagens que são contra qualquer tipo de preconceito e denunciam a discriminação são considerados “do bem”.

Além do mais, é possível constatar que em Hogwarts convivem as representações de alunos pobres, ricos, honestos, desonestos e dos alunos inteligentes e esforçados como em muitas escolas do mundo real. A autora mostra que todos os personagens são constituídos pelos conflitos de bem e mal, da ética, da honestidade e da desonestidade. Perguntam-se sobre seus atos, e são responsabilizados pelas suas condutas, de forma que o seu destino é uma consequência de todas as suas atitudes.

5 CONCLUSÃO

Com base na análise do livro é possível notar o quanto a obra de J. K. Rowling está “entrelaçada” com a realidade, onde o preconceito relacionado à etnicidade e raça é evidente quando certos personagens questionam sobre quais seriam as pessoas dignas de estudar em Hogwarts. Além do mais, a noção de superioridade que certos alunos apresentam ao se considerarem melhores por possuírem uma descendência bruxa e, por esse motivo, tratam os mestiços e os trouxas como uma segunda classe, assemelha-se com a história da nossa própria sociedade de opressão e de regimes de supremacia raciais, sociais e culturais. Da mesma forma, os pensamentos de que os membros da Lufa-lufa são inferiores, de que os da Sonserina são todos do mal e a discriminação com relação à classe social, retratam a realidade social em que a autora estava inserida ao produzir sua obra, pois, assim como no mundo criado por J. K. Rowling, no mundo real as atitudes preconceituosas com relação às diferenças, sejam elas linguísticas, culturais, raciais ou sociais, geram problemas sérios no convívio das nações.

Dessa forma, fica evidente que a autora J. K. Rowling utilizou a obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal* como instrumento de protesto contra a discriminação e o preconceito racial, social e cultural, retratando a realidade de forma prazerosa e criativa com o intuito de promover uma reflexão acerca das injustiças, levando o leitor a refletir sobre problemas no âmbito local e global.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBUJANI, G. **A Invenção das Raças**. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2007.
- BASSHAM, G.A **Versão Definitiva de Harry Potter e a Filosofia – Hogwarts Para Os Trouxas**. São Paulo: Madras, 2011.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre azul, 2010.
- FACINA, A. **Literatura & Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- NEIL, M. **The Psychology of Harry Potter – An Unauthorized Examination of the Boy Who Lived**. Texas: Benbella, 2006.
- NETO, M. S. B. **A Eloquência do Ódio**. São Paulo: LivroPronto, 2009.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- SILVA, M. C. Crítica Sociológica. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**. Maringá: Eduern, 2003, p. 123–133.